



## **Do senso comum à ciência: a Esquizofrenia e seus personagens nas páginas da Folha de S.Paulo<sup>1</sup>**

Carla Costa GARCIA<sup>2</sup>  
Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP

### **RESUMO**

O jornal é um meio polifônico, no qual há espaço para múltiplas versões sobre uma única temática. Essa afirmação não é diferente quando o assunto coberto é a Esquizofrenia, transtorno mental com maior carga de estigma na sociedade brasileira. Em 2009, na Folha de S.Paulo, ciência e saber popular, ou seja, as representações sociais, apresentaram imagens distintas sobre a psicose e seus personagens. Enquanto textos classificados como ciência ressaltaram avanços na descoberta das causas, tratamento e cura da doença, reafirmando a importância da inclusão social do esquizofrênico; outros textos exploraram o portador como violento, incapaz e usaram a psicose como metáfora para problemas sociais e políticos, reforçando o caráter negativo da doença e o estigma contra o portador.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; esquizofrenia; jornalismo científico, representações sociais; Folha de S.Paulo.

### **Esquizofrenia e estigma**

Louco, insano, violento, incapaz, irresponsável e perigoso. Esses são alguns dos termos usados popularmente, durante séculos e ainda hoje, para nomear e classificar portadores de Esquizofrenia, psicose (doença mental) que atinge mais de 1,8 milhão de brasileiros, ainda não foi totalmente desvendada pela ciência e cujo estigma dificulta a vida, o tratamento e a inserção social de seus portadores.

A esquizofrenia é uma psicose complexa e intrigante, cujas causas ainda não são totalmente conhecidas (ABP, 2009). Ela caracteriza-se por algumas condutas e manifestações psicológicas que revelam uma perturbação mental e impedem a pessoa de manter relacionamentos interpessoais e arcar com as responsabilidades sociais. O portador de esquizofrenia tende a fechar em si mesmo, apresentando desinteresse por aspectos positivos da vida, como trabalho, sexo e cuidado pessoal; adota expressões bizarras como rir sozinho, esquivar-se dos outros e usar uma linguagem própria; além de exprimir ideias delirantes (ROMERO, 1996). Desse modo, durante os períodos de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação- FAAC/Unesp. Jornalista com especialização em Jornalismo Científico (Labjor/Unicamp). email: [carlac.garcia@uol.com.br](mailto:carlac.garcia@uol.com.br).



crise, não consegue manter vínculos reais, refugiando-se no imaginário “chegando inclusive a uma ruptura com a realidade – o que significa que não consegue compartilhar a vida comunitária com suas normas e exigências, ou sua adaptação é muito precária e frágil” (ROMERO, 1994, p.234). Entretanto, quando tratada corretamente, “a evolução é para uma completa ou quase completa recuperação” (OMS, 1993, p.86), sendo que 25% dos casos são curáveis e em outros 50% deles os pacientes podem viver em sociedade (ABP, 2009).

Ainda assim, a esquizofrenia é considerada a doença mental com maior carga de preconceito e continua a ser vista como condição intratável e tem suas representações sociais marcadas pelo fato de as “pessoas considerarem um portador de esquizofrenia capaz de cometer ato violento” (ABP, 2009, p.40). Além disso, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) expõe outros dados, como: 90% das pessoas não sabem o que é essa enfermidade; Há um grande número de portadores não-diagnosticados por causa do estigma relacionado à doença; Muitos pacientes param o tratamento por não aceitarem que têm o distúrbio e/ou porque a família nega que há entre eles um portador de transtorno mental e, para não assumir o fato à sociedade, deixam-no reclusos e sem atendimento. Isso se dá pelo medo de assumir que um comportamento fora do padrão social ocorre em seu grupo social ou família, o que fortalece a discriminação.

O estigma está presente no imaginário social que o brasileiro construiu sobre a esquizofrenia e seu portador, entretanto, ele não nasce ou habita somente a sociedade, mas é também localizado e difundido pelo meio, produto e produtor midiático e jornalístico, o jornal, a notícia e o jornalista. A notícia por se tratar de um valor simbólico, algo que recontextualiza, representa e reconstrói um fato, a partir da visão, das crenças e da prática do jornalista – um ser cultural – alguém que compartilha a cultura da sociedade e escreve um texto que por ela deve ser compreendido e que trabalha para um jornal (também inserido nessa sociedade e que é vendido para ela).

Por isso, ao cobrir a Esquizofrenia, seja nas seções dedicadas exclusivamente à ciência e saúde, ou nas outras editoriais, o jornal tem o poder de absorver as representações sociais sobre essa psicose, recontextualizá-las, alterá-las e ressaltá-las. Isso ocorre, uma vez que, a mídia esforça-se para transformar achados médicos, como os relacionados aos transtornos da mente, em material interessante e atraente para a comunicação de massa e por isso, busca aspectos que relacionem o assunto a feições mais familiares do público (JOFFE, 2009), ou seja, a sua memória social.



Ao mediatizar o conhecimento ou um tema de origem científica como uma psicose, os meios de comunicação popularizam a ciência, o que ocorre quando “o saber popular se mescla e se funde com o saber científico” (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2009, p.23). Nessa atividade, ao divulgar informações científicas, a mídia difunde o senso comum dos médicos e cientistas acrescido de sua própria visão sobre o assunto, os quais carregam estigmas e estereótipos. Pois eles, assim como os jornalistas, compartilham a cultura da sociedade. O que se caracteriza por ideias equivocadas como “ninguém se recupera da esquizofrenia” ou “esquizofrênicos passam sua loucura para outras pessoas”, as quais seguem presentes entre profissionais da saúde (ABP, 2009). Entretanto, o maior agravante é o fato de que esses estigmas dificultam o convívio social e a reduzem as chances de cura e de tratamento dos portadores.

O estigma é a principal causa do isolamento social, da dificuldade em conseguir emprego, do alcoolismo e da dependência de drogas, da perda de moradia e da internação prolongada em hospitais, e tudo isso reduz as chances de os portadores de esquizofrenia se recuperarem da doença. O desfecho final do estigma (...) é a discriminação social, não apenas contra as pessoas que sofrem do transtorno, mas também contra sua família e amigos, assim como em relação aos profissionais da saúde envolvidos no tratamento (ABP, 2009, p.77).

Ao difundir essas representações que evocam o sentido negativo da psicose, a mídia contribui com a predisposição das pessoas para endossar certas imagens de um acontecimento. A qual é fortalecida a partir dos sentimentos, ansiedade e impotência da coletividade diante do desconhecido, que é considerado como aberração e “produto de representações emocionais da doença, que surgiram historicamente, mas que ainda hoje circulam no meio científico, nos meios de comunicação de massa e no pensamento popular” (JOFFE, 2009, p.319). Por isso, o caminho para derrubar esses estigmas é a informação, que se difunde na mídia, em especial, ao se divulgar achados e pesquisas científicas sobre as doenças, suas causas, tratamentos e possibilidades de cura.

Desse modo, este artigo buscou analisar como a mídia impressa brasileira, por meio de textos veiculados na Folha de S.Paulo<sup>3</sup>, em 2009, trabalha com a Esquizofrenia e temas relacionados a seus personagens. E avaliar quais as imagens dessa psicose por ela divulgada e se, no processo de construção social da notícia, ela reforça ou desconstrói as representações sociais e as versões científicas sobre esses distúrbios, colaborando

---

<sup>3</sup> Segundo a Associação Nacional de Jornais, a Folha de S.Paulo foi o diário com maior tiragem do país e atingiu a média diária de 296.558 exemplares vendidos.



para reduzir ou ampliar o estigma e o sentido notadamente negativo da esquizofrenia na sociedade brasileira.

Para isso, foram avaliados 83 textos, entre notas, matérias, opiniões, entrevistas e artigos, nos quais constavam os termos esquizofrenia, esquizofrênico(s) e esquizofrênica(s). O material foi analisado por meio de análise de conteúdo e o enfoque metodológico utilizado concentrou análises quantitativas e qualitativas.

### **Jornalismo Científico e Representações Sociais**

Devido à abrangência e por sua função de recodificar e levar as representações sociais sobre a Esquizofrenia e seus portadores ao grande público, os meios de comunicação de massa atuam como auxiliares na constituição do conhecimento e do imaginário da sociedade. As representações sociais, por sua vez, são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (GUARESCHI, 2009, p.196). Vista como teorias do senso comum, elas são mediações que buscam transformar algo não familiar em familiar e, a comunicação é um dos atores dessa rede que, se não constrói esse senso comum, ao menos o divulga, influencia, confirma e realça ou o desconstrói. Ao familiarizar o desconhecido, as representações têm a capacidade criativa e transformadora dos sujeitos podendo mudar conceitos, estigmas e a própria sociedade. Elas nascem da coletividade, mas também modificam-na, pois são símbolos construídos e compartilhados por membros do grupo social, que usa os mass media para difundi-los.

A mídia divulga significados por meio da notícia, trabalho de construção simbólica. Pois, assim como as representações, ela nasce da palavra, símbolo da comunicação e representante do pensamento. “A fala, por isso mesmo, releva condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e tem a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas” (BOURDIEU apud MINAYO, 2009, p.103). Representações que se manifestam em sentimentos e condutas e devem ser analisadas a partir da compreensão dos comportamentos e das estruturas sociais, nas quais encontram-se os meios de comunicação, que ao noticiar achados e acontecimentos da ciência fazem divulgação científica. Tanto é que Moscovici (apud BAUER, 2009), afirma que a transição do conhecimento proveniente de um círculo científico restrito de



especialistas para territórios públicos mais amplos “é, muitas vezes, a mesma transição entre o pensar com conceitos para o pensar com imagens e mitos” (p.232).

O processo de tornar público o conteúdo da ciência e as representações sociais sobre as doenças dá-se por meio da difusão científica, mais especificamente a partir da divulgação e do jornalismo científico. Os quais, assim como a disseminação, constituem modalidades de atuação da difusão, e, segundo Bueno (1989, p.21), articulam-se num terreno comum, pois são “processos, estratégias, técnicas e mecanismos de veiculação de fatos e informações que se situam no universo da ciência e da tecnologia.” Porém, diferenciam-se pela linguagem ou pelo público ao qual se destinam. Sendo que, difusão e divulgação miram um público universal, enquanto a disseminação é realizada exclusivamente para especialistas, por meio do envio de informações em linguagem especializada para público restrito.

“Segundo Pasquali, entende-se por divulgação o envio de mensagens elaboradas, mediante a recodificação de linguagens críticas a linguagens omnicompreensíveis, à totalidade do público receptor disponível” (BUENO, 1989, p.23). O jornalismo científico é considerado o sub-conjunto da divulgação e é conceituado como um:

processo social que se articula a partir da relação (periódica/ oportuna) entre organizações formais (editoras/ emissoras) e coletividade (públicos/ receptores) através de canais de difusão (jornal/ revista/ rádio/ televisão/ cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) de natureza científica e tecnológica em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos) (BUENO, 1989, p.24).

Portanto, Jornalismo Científico é divulgar ciência através dos meios de comunicação de massa. Processo cuja intenção é tornar o conteúdo acessível e tem o jornalista como mediador entre os acontecimentos e o público. Nessa função ele cria um novo discurso que é a soma de sua fala com a do cientista, e se torna relevante para o processo de educação dos leitores (BURKETT, 1990), uma vez que a divulgação o ajudará a formar sua concepção e compreensão – com imagens e mitos – sobre uma ciência popularizada, familiarizando temas antes desconhecidos.

É importante, porém, ressaltar que a divulgação da ciência na mídia não se dá exclusivamente nas seções consideradas “científicas” como, por exemplo, Ciência, E Saúde, da mesma forma, nem todos os textos dessas editoriais são classificados como notícias científicas. Uma vez que consideramos como textos de jornalismo científico em saúde aquelas notícias, notas ou até mesmo opinião e entrevistas que se refiram e



divulguem algum novo achado, pesquisa ou acontecimento científico que traga contribuições e melhorias para os pacientes. Ou ainda se refiram à descoberta de causa, consequências, prevenção, sintomas, diagnóstico, avanços no tratamento, fator de risco ou relação causal entre ter uma determinada característica e desenvolver uma enfermidade. Portanto, fatos que alterem o conhecimento e a forma de tratar e compreender uma determinada doença e seus portadores.

Ao analisar como a mídia lida com essas matérias, Nelkin (1995) afirma que para ‘vender ciência’, o jornalista elege notícias que julga estar mais próximas do público, o que nem sempre significa que sejam mais relevantes ou legítimas no meio científico. Pois ele e o cientista não compartilham, necessariamente, a mesma opinião sobre os valores-notícia da ciência, porém, a seleção é obrigatória, uma vez que os espaços na mídia são pequenos diante da produtividade dos pesquisadores. Entretanto, para muitos, a ciência é o que está escrito nos jornais e as informações divulgadas pela mídia têm o poder de alterar o estilo de vida e a opinião das pessoas sobre os assuntos noticiados. Por isso, uma boa reportagem pode melhorar a capacidade do público em avaliar esses temas, assim como facilitar suas decisões pessoais. Mas uma matéria ruim pode induzir ao erro, a ilusão e reduzir o poder e a possibilidade de escolha da sociedade que, baseada em representações sociais inverídicas, fica submissa aos interesses e decisões dos expertises técnicos, que detém o conhecimento da ciência (NELKIN, 1995).

Se a ciência é, para público, o que veiculado no jornal e na TV, então suas representações têm a mídia como divulgadora, a qual difunde, realça ou mesmo desconstrói ideias ou imaginários. Pois, as realidades são dinâmicas, assim como conceitos, estigmas, mitos, fantasias, e, portanto, “vão sendo reelaboradas e modificadas dia a dia. Vão sendo ampliadas, enriquecidas com novos elementos e relações” (GUARESCHI, 2009, p.218).

### **Notícias: valores simbólicos**

Os “jornalistas, como elementos de uma cultura particular, estão sujeitos à” gramática da cultura” (Colby, 1975), que define as regras de construção narrativa, uma descoberta que altera a noção de uma transposição “objectiva” da realidade.” (BIRD; DARDENNE, 1999, p.271). Desse modo, a notícia é um produto cultural e estabelece um modelo simbólico dos valores vigentes na sociedade, através de disputa entre o logos (os rituais e desejos de objetividade) e o mythos (valores, crenças, fantasias e a



subjetividade do jornalista) que se estabelece durante a construção social do texto noticioso (MOTTA, 2002).

A notícia é a transformação de um fato em discurso, que não é neutro e está carregado de valores e símbolos culturais. Ao contextualizar o acontecimento criam-se significações - um sentido comum que visa a compreensão dos fatos e a interação entre ele e os leitores e, portanto, estabelece a realidade social e as representações a serem compartilhadas pelo público. Pois um relato é a produção de um novo acontecimento a ser integrado ao mundo (RODRIGUES, 1999). E, por meio das palavras, cria um novo estado das coisas, uma representação. Isso se dá quando o jornalista usa sua visão de mundo para observar um fato dentro de uma totalidade e ao contar a estória produz um discurso e o insere em outro contexto. Esse processo é subjetivo e faz da estória relatada um novo acontecimento (HACKETT, 1999). E o fazem ao oferecer significados às coisas, construindo a realidade social do público, que enxergará os fatos pelos olhos do repórter, inclusive as imagens sobre os Transtornos Mentais e seus personagens.

Os jornalistas constroem a realidade a partir da “transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 1999, p.169), que deve estar familiarizado com as instituições, estruturas e o pensamento da coletividade social. Ou seja, na construção social da notícia, o jornalista insere seus valores e crenças (que devem ser próximos ao do jornal) e ao fazê-lo faz com que esse novo acontecimento tenha significado ao público, uma vez que ambos são seres culturais e estão sujeitos a mesma gramática da cultura, compartilhando as mesmas concepções e sentidos comuns em seu imaginário social.

### **A Esquizofrenia e seus Personagens nas Páginas da Folha de S.Paulo**

No ano de 2009, 83 textos do jornal Folha de S.Paulo, entre notas, matérias, entrevistas, críticas, artigos e opinião do leitor se referiram (falavam sobre ou apenas citaram) à psicose Esquizofrenia e a seus portadores. Desses, 28 textos abordavam a temática enfatizando-a como doença (ciência), ao falar sobre tratamento, medicações, cura, causas ou sintomas, o que representa 33,7% do total do corpus analisado. Outros 12 textos citaram ou referiram-se a portadores da psicose ou a outros aspectos mais gerais sobre o tema (14,4%); quatro notas reproduziram opiniões dos leitores acerca da doença e de seu tratamento (4,8%). Onze textos apresentaram-se como críticas ou matérias, nas quais a Esquizofrenia ou seus portadores foram citados por serem temas de novela, peças de teatro, documentário, filmes ou livros que estavam sendo avaliados



pelo jornal ou eram temas das matérias veiculadas (13,2%). Já os 28 textos restantes (33,7% do corpus), usaram os termos esquizofrenia, esquizofrênico(s) e esquizofrênica(s) como metáforas para situações da vida cotidiana, questões políticas e econômicas, falta de investimento em arte, etc.

Portanto os textos sobre Esquizofrenia foram veiculados em cinco grandes blocos temáticos: Esquizofrenia como Ciência (doença); Esquizofrenia de forma geral (com ênfase a questão dos portadores); Esquizofrenia como Opinião do Leitor; Esquizofrenia como Análise de Outras Mídias e Esquizofrenia como Metáfora.

Dos 83 textos analisados, em 49 (57,8%) a Esquizofrenia foi o único Transtorno Mental e de Comportamento citado (ou cujo termo foi utilizado como metáfora de algo). Nos outros, 35 textos (42,2%), ela veio acompanhada de outros transtornos. Os termos esquizofrenia, esquizofrênico(s) e esquizofrênica(s) foram veiculados em 18 diferentes seções ou editorias da Folha. Sendo que Ilustrada (38,5%), Saúde (12%) e Cotidiano (8,4%) foram as que mais vezes os utilizaram.

<i>Editorias</i>	<i>Quantidade de Textos</i>	<i>Porcentagem</i>
Ilustrada	32	38,5%
Saúde	10	12%
Cotidiano	7	8,4%
Opinião	5	6%
Ciência	5	6%
Mundo	4	4,8%
New York Times	3	3,6%
Acontece	3	3,6%
Brasil	2	2,4%
Equilíbrio	2	2,4%
Dinheiro	2	2,4%
Ombudsman	2	2,4%
Veículos	1	1,2%
Esportes	1	1,2%
Folha Ribeirão	1	1,2%
Folhateen	1	1,2%
Serafina	1	1,2%
Mais	1	1,2%
	83	100%

Os tipos de textos foram seis: 39 matérias, 16 artigos (textos opinativos), 12 críticas, 7 notas, 5 entrevistas e 4 opiniões do leitor. Sendo que 49 textos (59%) apenas citaram os termos Esquizofrenia, Esquizofrênico(s) e Esquizofrênica(s), enquanto 34



(41%) eram sobre eles, ou seja, discorreram sobre algum aspecto da doença (tratamento, cura, causas) ou sobre seus portadores.

### A Esquizofrenia como Ciência

Apenas 5 textos (17,9%) dos classificados como Ciência referiram-se exclusivamente à Esquizofrenia. Os outros 23 (82,1%) também falavam sobre a psicose, porém relataram também algum outro transtorno mental ou de comportamento como transtorno bipolar, depressão, estresse pós-traumático, autismo, etc. Dos 28 textos, 5 (17,9%) classificam-se como Opinião, uma vez que discorrem acerca de tratamento e assistência ao portador, porém baseiam-se exclusivamente nas opiniões de seus autores, os colunistas Contardo Calligaris e Ferreira Gullar. Por outro lado, as colunas de Marcelo Gleiser e Drauzio Varella, mesmo sendo textos opinativos, não são considerados apenas Opinião, uma vez que seus artigos estruturam-se a partir de pesquisas ou descobertas científicas em saúde mental.

Dos textos classificados como Ciência, 23 (82,1%) falam sobre a Esquizofrenia e seus portadores, enquanto que 5 (17,9%) apenas os citam como exemplo ou contextualização de algum outros assunto científico ou de saúde que estava sendo discutido. As matérias (exceto as Opiniões) basearam-se em estudos científicos (16 ou 69,5%) - sendo 12 internacionais (75%), 3 nacionais (18,75%) e um (6,25%) cuja origem não foi identificada; eventos (3 ou 13%); ações governamentais, ações de tratamento, portador e discussão sobre artigo de Gullar (um ou 4,3% cada). Dos textos, apenas 7 (25%) ouviram ou relataram a vivência de algum personagem (portador de Esquizofrenia) e as temáticas abordadas foram:

<i>Temáticas</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Porcentagem</i>
Causas	8	28,6%
Tratamento	4	14,2%
Medicação	3	10,7%
Tratamento (Reforma Psiquiátrica)	3	10,7%
Tratamento (Saúde Pública)	2	7,1%
Diagnóstico	2	7,1%
Reinserção Social	1	3,6%
Prevenção ao Suicídio	1	3,6%
Tratamento – Efeitos colaterais	1	3,6%
A doença pelo portador	1	3,6%
Arte e Internamento	1	3,6%
Profissão Terapeuta	1	3,6%
	28	100%

Notou-se que grande parte dos textos dedicou-se a falar da busca pelas causas da Esquizofrenia, principalmente por meio da genética. Isso se dá uma vez que até hoje a ciência não conseguiu esclarecer quais os fatores responsáveis pelo desenvolvimento da psicose e também pelo fato de que após descoberta a causa, fica menos complexo o caminho para a cura. Outras temáticas dominantes foram as discussões a respeito do tratamento e diagnóstico, sendo discutidas as questões da necessidade do internamento, a cobertura dos planos de saúde e assistência prestada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), as medicações que podem sanar as crises e até mesmo curar a doença e a importância do diagnóstico, tanto para dar ao portador a chance de se curar, como para impedir as crises ou surtos psicóticos tão comuns na Esquizofrenia.

A Esquizofrenia como Ciência não ficou limitada às editorias de Saúde (10) e Ciência (3), pelo contrário apareceram também em seções como Ilustrada (9), New York Times (3) e Cotidiano (3). E o que se pode notar é que todas as editorias que se dedicaram a falar sobre a psicose como doença e seus aspectos clínicos – mesmo não utilizando muito a presença de personagens para humanizar os textos -, o fez baseada em eventos, pesquisas ou nas falas de especialistas (expertises) capazes de explicar o tratamento, a possível causa, etc. Os textos também trabalharam a questão de que, quando diagnosticada e tratada (sendo o tratamento e até mesmo, em alguns casos, o internamento de suma importância), a Esquizofrenia pode ter cura, os surtos psicóticos são perfeitamente controláveis e que, por isso, os portadores devem ser incluídos socialmente, trabalhar, viver em sociedade e que o estigma não deve existir, pois: “Doença mental não é motivo de vergonha, não pode ser estigma para ninguém, trata-se de uma enfermidade como outra qualquer. O cérebro é uma órgão do corpo humano como o coração ou os rins e, por isso, pode adoecer como qualquer um deles” (GULLAR, FSP, 19/07/2009).

### **A Esquizofrenia Geral: o Portador**

Nessa temática há 12 textos, sendo que 9 referem-se apenas à Esquizofrenia (75%) e três citam também outros transtornos (25%). Desses, 7 (58,3%) falam sobre o portador da Esquizofrenia, enquanto outros 5 (41,7%) apenas citam os personagens ou a doença para contextualizar temáticas distintas como questões econômicas de empresas que estudam a psicose, etc. Os textos foram veiculados em sete editorias diferentes: Cotidiano (4), Ilustrada (3), Folha Ribeirão (1), Ciência (1), Dinheiro (1), Folhateen (1) e Ombudsman (1) e nove deles falam sobre ou citam portadores da doença mental.

Nos textos sobre os portadores, 8 apresentam personagens e as temáticas abordadas foram a inserção social (1), o portador de Esquizofrenia como violento (1), a Esquizofrenia como atenuante de pena (3), a dependência do esquizofrênico (1), Esquizofrenia e drogas (1) e Esquizofrenia como incapacidade para o trabalho e as artes (2). Portanto, os textos abordaram a Esquizofrenia e o esquizofrênico a partir do caráter negativo da doença em 8 matérias e apenas uma, ressaltou-os de maneira positiva, no caso as ações que visam a inserção social e o fim do estigma. O que mostra que quando os aspectos científicos foram deixados de lado e os jornalistas basearam-se apenas nos portadores para escreverem seus textos, a tese de que a Esquizofrenia tem tratamento e pode ser curada e que o portador deve ser inserido na sociedade é abandonada em prol do senso comum. Para o qual o esquizofrênico é irresponsável, incapaz de seguir normas, regras, fazer trabalhos complexos e de viver sozinho e ressalta a imagem que associa a psicose à violência, à loucura e periculosidade social, sendo o portador capaz de cometer crimes bárbaros como o estupro da filha, assassinos em série, etc.

### **Esquizofrenia: Outras temáticas**

Os outros blocos temáticos foram: opinião do leitor, metáforas e análise de outros produtos midiáticos. Em relação à opinião do leitor, a temática manifestou-se em quatro edições da coluna, todas falando a respeito do tratamento da Esquizofrenia e, após artigo de Ferreira Gullar (elencado em Ciência e que criticou a Reforma Psiquiátrica ocorrida em 2011 e o fim do internamento em hospitais psiquiátricos públicos), mostravam opiniões contrárias ou a favor da Reforma e do internamento. Sendo que 3 edições (75%) citam vários transtornos, e uma (25%) limita-se a explicar sobre a Esquizofrenia.

Em relação aos textos que avaliaram outros produtos midiáticos, eles foram estruturados como matérias (4), críticas (3), notas (2), entrevista (1) e artigo (1) e veiculados em quatro diferentes editoriais ou seções: Ilustrada (7), Equilíbrio (2), Mais (1) e Serafina (1). Desses, 7 (63,6%) citam apenas a Esquizofrenia, enquanto 3 (27,4%) ressaltam também algum outro transtorno. Essa temática foi composta por textos que falam sobre ou fazem críticas a (analisam) outros produtos midiáticos como peças de teatro (1), cinema (2), livros (3) e novelas (5) que discutem sobre a psicose ou têm algum personagem esquizofrênico.

Todos os textos sobre novela se referiram à atração da Rede Globo Caminho das Índias. Exibida de janeiro a setembro de 2009 (9 meses do tempo analisado neste



estudo), a novela retratou a Esquizofrenia em um dos seus núcleos principais a partir do personagem Tarso, interpretador por Bruno Gagliasso, portador da doença mental. Havia também uma clínica psiquiátrica, onde se davam informações médicas sobre a doença mental. Nela qual Tarso foi tratado após muita recusa dele em reconhecer-se doente e da família em aceitar ter um psicótico entre eles. Além dos cinco textos de Análise de Outras Mídias, a novela global e Tarso também foram citados em outros blocos temáticos: Ciência e Geral – Portador. Tarso foi o intertítulo de nota da coluna de Mônica Bergamo que anunciava o projeto do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas para a (re)colocação profissional de esquizofrênicos no mercado de trabalho. E o ator Bruno Gagliasso foi um dos personagens da matéria de Geral, que mostrava ações de pessoas que lutam pelo fim do preconceito e pela inserção social de portadores de Transtornos Mentais como a Esquizofrenia. Desse modo, ainda que os textos de Análise de Outras Mídias apenas citavam Tarso, sem explicar nada sobre a doença e adotando um sentido neutro, nos textos de outros blocos temáticos, ele foi exemplo de luta pela aceitação social do esquizofrênico e sua, consequente, reinserção social.

O último bloco temático analisado foi Esquizofrenia como Metáfora. Nos 28 textos que utilizaram os termos esquizofrenia, esquizofrênico(s) e esquizofrênica(s) fora de seu sentido psicopatológico, eles foram usados para adjetivar situações políticas (5), questões econômicas (4), analisar produtos artísticos e o setor das artes (12), empresas editoriais (2), a sociedade atual (1), religião (1), comportamentos pessoais (1), greves (1) e até mesmo a tecnologia de novos carros (1). Apenas 2 textos (7,1%) citaram além de termos relacionados à Esquizofrenia algum outro transtorno mental. Os textos foram veiculados nas seções Ilustrada (14), Mundo (4), Acontece (3), Brasil (2), Dinheiro (1), Veículos (1), Opinião (1), Ombudsman (1) e Esportes (1) e foram estruturados como matérias (10), críticas (8), artigos (6), entrevistas (3) e nota (1).

O uso desses termos fora do contexto psicopatológico apresentaram sentidos notadamente negativos. E as palavras esquizofrenia, esquizofrênico(s) e esquizofrênica(s) acabaram usadas para adjetivar situações problemáticas, ilógicas, delirantes, sem noção, insanas e nas quais diferentes mundos (sentidos) misturam-se não permitindo as pessoas distinguir um do outro resultando na impressão de que algo é absurdo, inesperado e irracional. A apropriação de termos psicopatológicos para classificar situações que fogem da ciência, psicologia e medicina é explicada por Romero (1994, p.119):

Quando alguns conceitos se popularizam, as conotações das palavras tendem a predominar sobre sua denotação. Esta observação é ainda mais verdadeira no âmbito da psicopatologia e da psiquiatria. Aqui todos os gatos são pardos. É que poucos conceitos da psicopatologia conseguem manter-se em seu círculo próprio, aquele que os forjou. A maioria de seus conceitos-chaves termina por ingressar no mercado cotidiano. Fora de seu contexto originário, as palavras da linhagem psicopatológica viram palavrões. Ou palavras-gavetas, onde cada qual encaixa o que julga conveniente.

Portanto, Opinião do Leitor e Análise de Outras Mídias adotam sentidos neutros para a Esquizofrenia, uma vez que apenas dão uma opinião sobre os tipos de tratamento ou se limitam a citar a psicose por fazer parte do enredo do produto midiático de quem estão falando. Por outro lado, o uso de termos psicopatológicos como Metáforas os dão o sentido de “palavrões” e ressaltam o caráter negativo de irracional, insano, ilógico atribuído à Esquizofrenia e seus portadores pelo saber prático popular, uma vez que o sentido denotativo é substituído pelo conotativo, que se origina da memória social e das representações sociais sobre a psicose e seus personagens.

### **Considerações Finais**

Os jornais são meios notadamente polifônicos, espaços midiáticos nos quais devem-se ouvir múltiplas vozes, sejam elas de especialistas, estudiosos de uma situação específica ou aqueles que a vivem na prática. Ao permitir-se ouvir múltiplas versões e fontes, veicular um assunto em editorias variadas e ao abordar aspectos distintos de um único tema, no caso a Esquizofrenia - que pode ser tema de uma pesquisa científica ou discussão sobre um novo tratamento, a análise de um personagem de TV, a justificativa para o cometimento de um ato violento ou até mesmo uma metáfora para adjetivar uma situação cotidiana - a Folha de S.Paulo divulgou imagens divergentes sobre essa psicose e seus portadores.

Ao abordar a Esquizofrenia como Ciência abriu-se espaço para versões científicas, que buscam descobrir causas, cura e o melhor tratamento para reinserir socialmente o esquizofrênico. Por outro lado, seu uso como Metáfora ou a divulgação de seus portadores como alguém violento e incapaz recorreu às representações sociais da psicose, que desde o século XV, classificam seus personagens como insanos, irresponsáveis, incapazes de seguir normas e padrões e capazes de colocar em perigo a segurança da sociedade e também a moral e as regras vigentes (Foucault, 1978).



Portanto, em 2009, ano da novela Caminho das Índias, que levou a Esquizofrenia ao horário nobre, o principal jornal impresso brasileiro a cobriu em quase todas as suas editorias, a veiculou como crítica, opinião, matéria, nota e entrevista. Abordou-a como Ciência (doença), o aspecto do Portador (Geral), em Análise de Outras Mídias, Opinião do Leitor e em Metáforas. Quantitativamente, ressaltou com mais ênfase o seu caráter negativo, ou seja, o estigma que vive no imaginário social a respeito do esquizofrênico. Qualitativamente, porém, foi polifônico, ora divulgando as versões científicas – novas descobertas, tratamento, busca pela causa e afirmando que há tratamento e, em muitos casos, a cura e que os portadores devem ser inseridos socialmente - ora corroborando o senso comum e o imaginário da sociedade (a qual o jornal e o jornalista compõem e para a qual escrevem), que afirma que o esquizofrênico é insano, irracional e violento e deve ser excluído do tecido social. Desse modo é possível afirmar - tomando emprestado o sentido conotativo que usa termo psicopatológico como metáfora – que a cobertura midiática da Esquizofrenia foi “esquizofrênica”, uma vez que dois mundos (ciência – jornalismo científico - e representações sociais) foram veiculados e ressaltados e, enquanto falava-se em inserção social, tratamento e cura, ao mesmo tempo, reafirmava-se o medo, o estigma e a exclusão social de seu portador.

## REFERÊNCIAS

ABP, Associação Brasileira de Psiquiatria. **Manual para a imprensa: boas práticas de comunicação e guia com recomendações para um texto claro e esclarecedor sobre doenças mentais e psiquiatria**. Rio de Janeiro: ABP, 2009.

BAUER, M. **A Popularização da Ciência como Imunização Cultural: A Função de Resistência das Representações Sociais**. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 11ª ed., pp.229-257

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009. 4ª ed

BIRD, E.; DARDENNE, R. W. **Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias**. In: TRAQUINA, N. (org). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias*. Lisboa: Vega, 1999. 2ª ed, pp.263-277

BUENO, W. **Jornalismo Científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo, CJE/ECA/USP, 1989

BURKETT, W. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1978.



GREEN, H. **Nunca lhe Prometi um Jardim de Rosas**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1964. Tradução: Jayme Benchimol.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 11ª ed.

HACKETT, R. A. **Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos media noticiosos**. In: TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Lisboa: Vega, 1999. 2ª ed, pp. 91-100

JOFFE, H. “Eu Não”, “O Meu Grupo Não”: **Representações Sociais Transculturais da AIDS**. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 11ª ed., pp.297-322

MINAYO, M. C. de S. **O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica**. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 11ª ed, pp.89-111

MOTTA, L. G. **Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia**. In: Revista Famecos, PUCRS, Vol 1, No 19 (2002). Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3187/2453>. Acesso em 6 de abril de 2010.

NELKIN, D. **Selling science: How the press covers science and technology**. New York: W. H. Freeman and Company, 1995.

OMS, Organização Mundial da Saúde (coordenador). **Classificações de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. Tradução: Dorgival Caetano.

RODRIGUES, A. D. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Lisboa: Vega, 1999. 2ª ed, pp. 27-33

ROMERO, E. **O Inquilino do Imaginário: Formas de alienação e psicopatologia**. São Paulo: Lemos Editorial, 1994.

\_\_\_\_\_. **Essas Inquietantes Ervas do Jardim: O Normal e o Sintomático**. São Paulo: Lemos Editorial, 1996

SPINK, M. J. **Desvendando as Teorias Implícitas: Uma Metodologia de Análise das Representações Sociais**. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 11ª ed., pp.117-145

TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Lisboa: Vega, 1999. 2ª ed.